

Homofobia e heterossexismo

Apesar das críticas contundentes que recebe, a homofobia persiste em nossa sociedade, inclusive com agressões a homossexuais. A escola pode estar contribuindo para a manutenção deste preconceito. O que fazer a respeito? O texto aborda o problema com algumas dicas importantes nesse sentido.

Diante de argumentos tão contundentes contra toda forma de discriminação, você – educadora ou educador – deve estar se perguntando o que faz com que a violência exercida contra gays, lésbicas, transgêneros e mulheres em geral perdure com tanta intensidade. Ao longo do Módulo II, já estudamos os motivos e os efeitos da subordinação do gênero feminino. Nesta seção, exploraremos as origens sociais da hostilidade contra os “dissidentes sexuais” e dos intentos para a sua supressão, assim como suas relações com outras formas de discriminação e as conseqüências danosas dessas atitudes não só para as vidas de quem se assume como lésbica, gay ou *trans*, mas para todas as pessoas.

O termo *homofobia*, cunhado na década de 1960 no campo da psiquiatria, serviu para compreender a gênese psicossocial do *estigma* e do preconceito anti-homossexual.¹ O conhecimento adquirido acerca deste fenômeno social tem grande vigência e utilidade para encarar o problema da *violência por preconceito*.² Vários estudiosos, principalmente nos Estados Unidos e na França, vêm discutindo diferentes alternativas terminológicas e modos de compreender os diversos aspectos do fenômeno. A abordagem psicológica da homofobia refere-se aos sentimentos e às percepções negativas a respeito da homossexualidade e às conseqüências que ambos têm na conduta

Uma particularidade do surgimento do conceito de homofobia foi a virada que ele representou no pensamento científico a respeito da questão homossexual. O termo foi difundido no início da década de 1970, coincidentemente no momento da retirada da homossexualidade do Manual de Diagnóstico e Estatística (DSM) da Associação Psiquiátrica Americana. Em 1973, as autoridades desta associação profissional, dando razão à demanda de ativistas gays, declararam que a orientação homossexual não estava e nem podia ser associada a nenhuma psicopatologia. Paralelamente, nomear a hostilidade contra os homossexuais de fobia (categoria diagnóstica da psiquiatria, referida a reações irracionais de intenso medo perante determinada categoria de objetos) deslocava o problema. A homossexualidade deixava assim de se ser o “problema”; o que deveria ser analisado e controlado era o sentimento de hostilidade irracional contra ela (Herek, 2004).

¹ Herek, Gregory M. Beyond Homophobia: Thinking About Sexual Prejudice and Stigma in the Twenty-First Century. In: Sexuality Research and Social. Policy, v. 1, n. 2, p.6-24, 2004. Disponível em: <http://caliber.ucpress.net/doi/pdfplus/10.1525/srsp.2004.1.2.6> Acesso em: 25 jun. 2008.

² Para uma discussão acerca da violência por preconceito, consultar a entrevista com Maria Mercedes Gómez, já sugerida na unidade 1 deste módulo: <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=11&inoid=3569&sid=43>

individual. A abordagem sociológica analisa os mecanismos de reprodução da hostilidade contra o desvio da norma heterossexual.

Na sua manifestação mais geral, esta hostilidade se expressa através da reprovação que tem como alvo pessoas que não se ajustam às expectativas sociais relativas aos papéis de gênero. Essa censura – tão comum entre crianças e adolescentes e tão pouco questionada pelos adultos – vai desde as piadas e as brincadeiras até atos de violência que, em determinados casos, chegam a ser letais.

No espaço escolar, as práticas homofóbicas são pautadas e repetidas incansavelmente, ora através de mensagens

No espaço escolar, as práticas homofóbicas são pautadas e repetidas incansavelmente, ora através de mensagens normatizadoras, ora através do silêncio e do consentimento da violência.

normatizadoras, ora através do silêncio e do consentimento da violência. A homofobia manifesta formas mais específicas quando dela são alvo gays, bissexuais (bifobia), lésbicas (lesbofobia), travestis e transexuais (transfobia) (Borrillo, 2000). Os autores concordam quando comparam este tipo de

sentimento – a manifestação arbitrária que classifica o outro como adversário ou inferior – com a xenofobia, o racismo e o anti-semitismo. Como estudamos acerca das hierarquias de gênero a partir do Módulo II e estudaremos sobre o conceito de raça no Módulo IV, trata-se de mecanismos de produção de desigualdades que operam através das lógicas da hierarquia e da exclusão.

O conceito de estigma foi definido pelo sociólogo norte-americano Erving Goffman³ como o atributo social negativo associado ao desvio, que é incorporado à identidade deteriorada das pessoas e dos grupos discriminados em função de uma variedade de motivos, entre eles, os sexuais. Além da homossexualidade, outros “estigmas” são associados à pobreza, à pele escura, a determinadas doenças (mentais, por exemplo), à velhice

Dicas de leitura:

a. Sobre as representações da homossexualidade nos processos por morte violenta, ver CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. As Vítimas do Desejo: os tribunais cariocas e a homossexualidade nos Anos 1980. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras; Rio de Janeiro : Garamond, 2004. p.365-383.

c. Sobre as ações do Movimento Homossexual e políticas públicas em torno da violência contra homossexuais, ver RAMOS, Silvia, CARRARA, Sérgio. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. Physis: Revista de Saúde Coletiva.

Physis: Revista de Saúde Coletiva.

Para ler mais acerca do conceito de homofobia, seus aspectos jurídicos e sociais, consultar: POCAHY, F. “Notas sobre Homofobia/Heterossexismo”. In: E. Pasini. Educando para a Diversidade. Porto Alegre: Nuances, 2007. pp.14-18; e RIOS, R. RAUPP. “O Conceito de Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação”. In: _____. Rompendo o Silêncio. Homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e ação. Porto Alegre: Nuances, 2007. pp.27-48.

³ GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 3.ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1980.

e à chamada “deficiência física”. A produção do estigma é um processo social que só pode ser entendido em relações mais amplas de poder e de dominação.⁴ O estigma vinculado à homossexualidade foi intensificado a partir dos efeitos da discriminação no contexto do HIV e da Aids.⁵ Segundo os autores aqui citados, o estigma produz e reproduz relações de desigualdade social. Através da atribuição de identidades estigmatizadas, as diferenças são transformadas em desigualdades de classe, de idade, raça ou etnia, gênero ou orientação sexual e capacidade física.

As agressões homofóbicas produzem reiteradamente no indivíduo agredido e na sua comunidade de pares a inferiorização. Operam como injúrias que se inscrevem no corpo e na memória da pessoa, formando a personalidade do indivíduo e a consciência coletiva.

A homofobia gera e está presente em insultos, ofensas e caricaturas sobre os papéis de gênero (por exemplo, de homens afeminados e mulheres masculinizadas), chegando até a violência física – letal em determinados casos – sofrida por gays e lésbicas e por travestis. As agressões homofóbicas produzem reiteradamente no indivíduo agredido e na sua comunidade de pares a inferiorização. Operam como injúrias que se inscrevem no corpo e na memória da pessoa, formando a personalidade do indivíduo e a consciência coletiva.⁶ Tente lembrar como reagem e o que acontece ao longo do tempo com os alunos que são sistematicamente hostilizados na escola por serem considerados “mulherzinhas”, “bichinhas” ou “viados”. Essa opressão permanente produz efeitos em suas vidas, em geral, e em suas trajetórias escolares, em particular? A homofobia afeta o rendimento escolar? Que outros efeitos gera nesses estudantes e nos demais? Em algum momento alguém duvida o que essa hostilidade precocemente anuncia para o destino de cada um/a desses/as estudantes?

A homofobia instaura um regime de controle da conduta sexual e de adaptação aos padrões de gênero dominantes, presente na formação de todas e todos.

A homofobia não só afeta a quem manifesta uma expressão de gênero diferente da esperada – e de quem se suspeita ter um desejo desviado, portanto, perigoso – mas também a todos os meninos, meninas e jovens que sofrem o terror de serem acusados de homossexuais. A homofobia instaura um regime de controle da conduta sexual e de adaptação aos padrões de gênero dominantes, presente na formação de todas e todos. Ela monitora o tipo de contato físico que é possível haver, e em que contextos, entre homens e entre mulheres, e também as linguagens corporal e verbal, além do tipo de sensibilidade que se deve expressar ou evitar.

⁴ PARKER, Richard & AGGLETON, Peter. **Estigma, discriminação e Aids**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2002. (Coleção ABIA, Cidadania e Direitos, n.1)

⁵ PAIVA, Vera; LIMA, Tiago Novaes; SANTOS, Naila et al. Sem Direito de Amar?: a vontade de ter filhos entre homens (e mulheres) vivendo com o HIV. *Psicologia USP* [online], São Paulo. v. 13, n. 2, p.105-133, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

⁶ ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

Neste sentido, trata-se de uma manifestação do **sexismo** que prescreve para as pessoas determinadas condutas, de acordo com as expectativas geradas pelo papel social que lhe foi atribuído, subordinando o feminino ao masculino.⁷ A homofobia vigia e acusa tudo o que considera ser um “desvio” do masculino na direção do feminino e vice-versa, controlando as fronteiras do “natural” das relações “entre os sexos”.⁸

Assim como existe uma homofobia geral, existem formas específicas de hostilidade contra as diversas orientações sexuais e expressões de gênero. No caso da *lesbofobia*, trata-se de uma forma de discriminação dupla, que articula a intolerância da orientação sexual à subordinação de gênero. É produzido, de um lado, um efeito social de *invisibilidade* e negação de uma voz própria. É por isso que as feministas são freqüentemente acusadas de violentar a “natureza mansa” da feminilidade. Ao mesmo tempo, é exercida uma violência específica, associada à lesbianidade.

A *transfobia* representa uma das expressões mais violentas e nocivas da hostilidade por preconceito sexual. Enquanto os homens e as mulheres homossexuais têm a possibilidade de manter sua orientação em segredo – o que é freqüentemente vivido como uma condenação ao silêncio – no caso das travestis (e, em certa medida, dos e das transexuais), acontece o inverso: pela sua expressão de gênero, elas estão permanentemente expostas a agressões. A carência de oportunidades é marcada em muitos casos pelo abandono da escola. A situação de marginalidade em geral se aprofunda no final da infância, quando a escolha do gênero se apresenta como uma afirmação já clara, desencadeando muitas vezes a expulsão da família e a entrada na prostituição.

As pesquisas realizadas pelo CLAM nas paradas LGBT brasileiras indicam que 34.4% das pessoas trans entrevistadas sofreram discriminação e abusos perpetrados na escola por colegas ou professoras/es. Por esta razão, não surpreende que as pessoas trans possuam o menor nível de educação formal, se comparado com os de outras minorias sexuais. No Brasil, 17.8% dos gays entrevistados não completaram o Ensino Médio, enquanto entre as pessoas trans esse índice se eleva a 42.4%. Quase a metade (46.2%) das lésbicas entrevistadas fez estudos universitários, enquanto só 21.4% das pessoas

A informação disponível sobre violência, incluindo violência letal, contra pessoas trans (especialmente travestis profissionais do sexo) é realmente alarmante. As sondagens mostram que quase 50% reportaram haver sofrido violência física por sua identidade de gênero. Entre os homens gays, a proporção dos que já foram agredidos fisicamente é muito menor: 20.3%. As ameaças e o abuso verbal são experiências generalizadas entre as pessoas trans: foram reportadas por 71.2% das que foram entrevistadas. No Brasil, travestis e transexuais costumam ser vítimas mais freqüentes de abuso sexual, fato muito mais comum entre as pessoas trans do que no resto da população LGBT do Brasil. Por exemplo, 22.5% das travestis e transexuais entrevistadas relataram ter sofrido este tipo de agressão, enquanto 6.6% dos homens gays passaram por esse tipo de experiência.

⁷ WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.9, n.2, p.460-482, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 25 jun. 2008.

⁸ BORRILLO, Daniel L'Homophobie. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

trans freqüentaram a universidade.

No caso dos assassinatos, tanto no Brasil como no resto da América Latina, a polícia não parece muito preocupada em investigá-los. De uma amostra de 12 assassinatos de travestis acontecidos no Rio de Janeiro dos anos 80 até o início dos 90, a polícia apenas solucionou dois casos, e só um dos assassinos foi condenado. De fato, a polícia constitui uma importante fonte de violência contra pessoas transgênero, principalmente contra travestis que realizam [trabalho sexual](#).⁹

Pense em situações do cotidiano em que são produzidas manifestações de discriminação por orientação sexual e violência homofóbica. Compare estas situações com outras formas de discriminação e violência por preconceito.

Pense em situações do cotidiano em que são produzidas manifestações de discriminação por orientação sexual e violência homofóbica. Compare estas situações com outras formas de discriminação e violência por preconceito. As hierarquias de gênero, raça/etnia e classe social, por exemplo, manifestam-se de modos similares? Quais são as diferenças? Como se entrelaçam com a homofobia?

A pesquisadora canadense Deborah Britzman ¹⁰ nos incita a refletir sobre os modos com que a homofobia é consentida, mas, sobretudo ensinada na escola. Para compreender a reprodução do preconceito sexual e de gênero no espaço escolar, ela oferece algumas dicas:¹¹

1. Considerar a cultura popular como uma fonte importante de produção da sexualidade e da economia do desejo (p.75).

Que recursos essas representações públicas da sexualidade oferecem às/aos jovens? De acordo com os conceitos aprendidos neste curso, qual seria o modo de abordar tais representações quando elas afloram na sala de aula ou em atividades extracurriculares, como na prática de esportes ou no recreio?

2. Compreender que “toda identidade sexual é uma construção instável, mutável, volátil, uma relação social contraditória e não finalizada” (p.74). Compare, por exemplo, a maneira com que a homossexualidade era vivida na sua adolescência (se havia pessoas que se identificavam publicamente como homossexuais) com a atual presença visível de gays e lésbicas na mídia, inclusive na escola. Pense de que modo essas mudanças afetaram as possibilidades de um/a jovem construir uma identificação positiva de acordo com seus desejos e convicções, e

⁹ Fontes: Pesquisa Política, Direito, Violência e Homossexualidade. Pesquisa realizada nas Paradas do Orgulho LGBT de Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Recife. Disponível em: <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=57&sid=75>.

Carrara, Sérgio; Vianna, Adriana. “Tá lá o corpo estendido no chão...”: a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.16, n. 2, 2006. p.233-249, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v16n2/v16n2a04.pdf>

¹⁰ Deborah Britzman (O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 21, n. 1, jan./jul. 1996)

¹¹ Uma versão levemente diferenciada destes pontos foi sumariada por Luís Henrique Sacchi dos Santos, no documento *Heteronormatividade & Educação* (em formato Power Point), apresentado no Seminário Gênero e Sexualidades na Escola. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) / Ministério da Educação (MEC) / British Council. Brasília, 12 de novembro de 2007.

Disponível em: <http://www.britishcouncil.org.br/download/LuisHenrique.pdf>

que obstáculos ainda subsistem para isso.

3. Situar as questões colocadas a respeito da orientação sexual, das relações de gênero e das trajetórias transgêneras não no terreno das identidades, mas sim no que é chamado de “heteronormatividade” (p.79). O que deve ser problematizado: as identidades assumidas por indivíduos e coletivos, ou o sistema que incita a criar e a policiar as fronteiras entre estes compartimentos estanques?

4. Desconfiar de que a menção da homossexualidade vá encorajar práticas e identificações homossexuais (p.79). A quais fins este tabu está servindo?

5. Problematizar a crença de que os/as jovens não têm idade suficiente para se identificarem como gays, lésbicas ou transgêneros (p.80). Que questões éticas e marcos jurídicos entram em jogo nesse julgamento?

6. Criticar a idéia de que as identidades sexuais constituem realidades isoladas (por exemplo, que a heterossexualidade não tem nada a ver com a homossexualidade) e de que se trata de assuntos eminentemente privados (p.80). Pense se as identidades heterossexuais (que também são variadas e cuja unidade precisa ser constantemente reforçada) são algo tão privado? Analise a função das alianças (anéis) de casamento e de noivado e como elas são exibidas com orgulho por homens e mulheres. Que fronteiras entre a heterossexualidade e outras sexualidades a idéia da sexualidade como algo privado instaura? Quais podem ser legitimamente assumidas e quais não? Em que contextos é possível umas e outras serem vividas?

GLOSSÁRIO

Estigma: Marca ou atributo social negativo associado ao desvio da norma social, que é incorporado à identidade deteriorada das pessoas e dos grupos discriminados em função de uma variedade de motivos, entre eles, os sexuais. Veja o quadro sobre o desenvolvimento deste conceito no texto “Homofobia e heterossexismo” nesta Unidade.

Homofobia: Termo usado para se referir ao desprezo e ao ódio às pessoas com orientação sexual diferente da heterossexual. Ver o texto “Homofobia e heterossexismo” na Unidade 2 deste Módulo.

Sexismo: Atitude preconceituosa que prescreve para homens e mulheres papéis e condutas diferenciadas de acordo com o gênero atribuído a cada um, subordinando o feminino ao masculino.

Trabalho sexual ou prostituição: Existem no pensamento e nos movimentos sociais feministas variadas valorações a respeito desta temática. Não obstante sua diversidade, essas posições são freqüentemente classificadas à luz da oposição antagonica entre dois extremos: de um lado, o que é conceituado como “estado de prostituição”, em que as mulheres vinculadas ao mercado de serviços sexuais são percebidas como vítimas de exploração e abuso, fruto das relações de opressão às quais é submetido o gênero feminino. No outro pólo, onde esse vínculo

é habitualmente reconhecido como “trabalho sexual”, demandando-se do Estado as garantias do reconhecimento deste ofício como categoria ocupacional, avalia-se a prática da prostituição como modo de exercício livre e autônomo da sexualidade. Entretanto, as realidades das mulheres e dos homens envolvidas/as com o comércio sexual resistem a uma classificação tão taxativa. Suas experiências subjetivas e seus direitos como cidadãs e cidadãos merecem ser considerados a partir de um olhar mais nuançado. Sobre esta temática, consultar o texto “Apresentação: gênero no mercado do sexo”, de Adriana Piscitelli (Cadernos Pagu, n. 25, p. 7-23, Campinas, jul./dez. 2005). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200001

Violência por preconceito: Refere-se a agressões e a atos violentos que impõem o exercício de uma hierarquia social, sendo expressivos de uma relação de dominação de um grupo ou categoria social sobre outro/a, por exemplo, homens sobre mulheres, ricos sobre pobres, brancos sobre pessoas de pele escura, nativos contra estrangeiros e migrantes, heterossexuais contra homossexuais. Esses atos requerem a aprovação social que justifica a conduta violenta como instrumento para a subordinação ou a exclusão do grupo discriminado, e faz com que a violência represente uma ameaça constante contra determinado grupo.